

Ação Educativa do MNRL- Fortaleza de Peniche

Descobre a verdade

que nos trouxe

a Liberdade

Vamos começar...

Partida Largada Fugida!





Sabias que o **Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL)- Fortaleza de Peniche** se materializa na sobreposição de três tempos: o **tempo da fortaleza**, o **tempo da prisão política** e o **tempo atual do museu**.



1º TEMPO

1557 - Construção da Fortaleza para defesa da costa no reinado de D. João III.

2º TEMPO

1934 – Instalação do Depósito de Presos de Peniche, destinado a opositores ao regime ditatorial do Estado Novo.

3º TEMPO

2017- A decisão por parte do Governo de Portugal, de criar o Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL)- Fortaleza de Peniche.



Agora com muita atenção visita os espaços musealizados e responde às questões que se seguem.



O Memorial aos presos políticos da Cadeia do Forte de Peniche é uma obra escultórica onde estão inscritos os nomes dos 2.626 presos na cadeia política de alta segurança que o Estado Novo aqui instalou a partir de 1934.

Já servia de cadeia antes desta data, mas só em 1934 passou a estar destinada aos presos políticos considerados como “perigosos” pelo Regime de Salazar.

É um memorial muito importante porque identifica os presos um a um pelo seu nome.



Descobre a verdade:

Quantos nomes de presos políticos estão inscritos neste Memorial?

Quem escreveu a frase: “Nomeai um a um todos os nomes: Lutaram e resistiram. A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta Fortaleza”?



O **Parlatório** era o local onde os presos recebiam as visitas dos familiares e amigos.

Este parlatório é datado dos anos sessenta do sec. XX, tendo existido um outro parlatório num barracão colocado no centro da praça de armas.

Para os familiares visitarem os presos era necessário terem um cartão de visitas de preso, passado pelo diretor da cadeia, depois das juntas de freguesia passarem um atestado de boa conduta das pessoas que pediam o cartão. No parlatório havia um guarda colocado atrás de cada preso para poderem ouvir as conversas e os presos e familiares só podiam falar de assuntos de família, nunca de política nem do tratamento que os presos recebiam na cadeia.

No parlatório apresentamos também uma homenagem à população de Peniche e à cidade enquanto Terra de Resistência e Solidariedade.

Descobre a verdade:

O que é que os guardas diziam aos presos na hora da visita?

Os presos podiam tocar, beijar ou abraçar os seus familiares?

Justifica a tua resposta.

Por que razão achas que o parlatório era branco e frio?



O **Fortim Redondo** foi a primeira construção de defesa e marca a génese da Fortaleza que viria a ser construída posteriormente em fases sucessivas. Tinha função de defesa da costa e das populações em terra, contra as invasões de corsários e piratas e das nações em guerra com Portugal (Espanha e França por exemplo).

Durante o funcionamento da cadeia política, o Fortim Redondo servia de celas de castigo. Foi daqui que fugiu um preso político importante, em 1954, que conseguindo abrir a porta da cela, se atirou ao mar, nadando para terra e sendo socorrido por pescadores.



Descobre a verdade:

Qual a data de construção do Fortim Redondo?

Qual o nome do preso político que fugiu do Fortim Redondo?

Em que dia se deu a fuga?

Por que nome ficou conhecido o Fortim Redondo entre os presos políticos?

Por que razão achas que os presos eram colocados nas celas de castigo?



Os **Pavilhões Prisionais A, B e C**, onde se encontravam as celas, os recreios, a enfermaria e as celas de alta segurança. Havia celas individuais, celas coletivas e celas de castigo.

No **Bloco A** existiam as celas coletivas e, como era virado a sudoeste, em dias de tempestade os presos políticos ouviam o barulho do mar que batia ferozmente nas muralhas e fazia soar a furna.

No **Bloco B** existiam as celas individuais e entre este Bloco e o Bloco A existia o recreio mais pequeno dos presos políticos. Contudo as horas de recreio entre os presos do bloco A e do Bloco B eram desencontradas para que os presos não tivessem oportunidade de comunicarem uns com os outros.



No **Bloco C**, virado a norte, ficavam localizadas, no piso 2, as celas de alta segurança. As janelas dos blocos eram de vidro fosco, para que os presos não tivessem vista para o exterior.

Descobre a verdade:

Da esquerda para a direita dá o nome aos blocos?

Que tipo de celas havia?

Em que bloco se situavam as celas de alta segurança?

Os recreios eram feitos de forma alternada, ou seja, os presos do bloco A não podiam estar no recreio ao mesmo tempo que os presos do bloco B. Qual seria o motivo para os presos não terem recreio ao mesmo tempo?

Porque será que as janelas eram de vidro fosco?



No **Piso 2 do Pavilhão C** ficam localizadas as celas de alta segurança. Foi daqui que fugiram, em 3 de janeiro de 1960, o secretário geral do Partido Comunista, Álvaro Cunhal e outros nove companheiros: Jaime Serra, Joaquim Gomes, Francisco Miguel, Guilherme da Costa Carvalho, Pedro Soares, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Rogério de Carvalho e José Carlos, ajudados por um guarda da GNR que também fugiu com eles.



Descobre a verdade:

Quantas pessoas fugiram desta fuga mais audaz do estado novo?

Esta fuga exigiu uma longa preparação e uma eficaz coordenação entre os presos e os seus apoios no exterior. Que tipo de apoio foi?

A execução do plano, que comportava um longo trajeto das celas até às muralhas do lado terra, só foi possível com a colaboração de quem?

Que tipo de material foi necessário para esta fuga?

Por que razão achas que os presos queriam fugir da cadeia de Peniche?

Exposição Resistência e Liberdade

No piso 2 do pavilhão C ficam localizadas as celas de alta segurança, de onde se evadiram no dia 3 de janeiro de 1960, dez presos políticos e o guarda da GNR.

No piso 1 do pavilhão C está a exposição dedicada ao tema central do Museu ***“A Resistência e a Liberdade”***. Neste piso, a exposição está dividida em quatro núcleos temáticos:

O primeiro é o núcleo dedicado à apresentação do regime fascista português. Aqui destacamos a constituição do regime, a forma como se estruturou, a propaganda que utilizava para disseminar as suas ideias.

O segundo núcleo é dedicado ao sistema policial e repressivo: a forma como o regime instituiu a polícia política a PVDE/PIDE/DGS e montou todo um sistema de cadeias políticas para onde enviava os opositores ao regime, de Portugal a Timor. Um destaque é dado ao Campo de Concentração do Tarrafal, local em Cabo Verde onde vários portugueses perderam a vida.

O terceiro núcleo é sobre o colonialismo e a guerra colonial. Em 1961 teve início a guerra nos territórios colonizados por Portugal: Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde. As manifestações contra a guerra foram um dos impulsionadores da queda do regime e tem aqui um destaque enquanto movimento de resistência dos povos colonizados relativamente à ditadura que oprimia Portugal os territórios em África e na Ásia (Goa e Timor).



O núcleo quatro é dedicado à resistência portuguesa ao fascismo. Apresentamos aqui todas as formas de resistência, organizada e espontânea, dos movimentos políticos e dos estudantes, dos trabalhadores, das mulheres, dos intelectuais e o apoio internacional.

A exposição inclui vários filmes e tablets com biografias, documentos e imagens que aprofundam estes temas.

No pavilhão D a exposição debruça-se sobre o 25 de abril e o 1º de maio de 1974 através da projeção de imagens icónicas destes dois dias que marcavam a vida nacional e as nossas vidas ainda hoje.

Neste pavilhão expõe-se também o projeto As minhas Memórias da Cadeia do Forte de Peniche, um projeto comunitário que apresenta testemunhos de pessoas de Peniche, que partilham connosco as suas memórias de infância e juventude e nos contam como eram as suas vidas com a presença da cadeia política aqui mesmo ao lado das suas casas.

Finalmente no piso 1 do pavilhão B podem circular pelas celas individuais e sentir a atmosfera opressiva do espaço. Imaginem como seria estar preso durante anos, sem saber quando sairiam, passar 20 horas por dia encerrado numa cela individual, sair apenas para as 3 refeições diárias e 1 hora no pátio de recreio, onde por vezes não podiam falar uns com os outros, se assim fosse a vontade dos guardas.

Os presos que vinham cumprir pena para Peniche, nunca sabiam quando sairiam da cadeia, porque a pena poderia ser continuamente aumentada dependendo da vontade da direção da cadeia e da PIDE.

Agora que já visitaste o museu, faz um desenho sobre o que gostaste mais e envia para geral.mnrl@museusemonumentos.pt com o teu nome e o nome da tua cidade.



Apoio:
**Pinacoteca
de São Paulo**